

RICHARD WAGNER E SUAS CONEXÕES COM O IRRACIONALISMO

Rafael Bronharon Clemente¹

<https://orcid.org/0000-0003-1755-0386>

RESUMO

Este artigo tem como intuito a problematização da produção escrita "A Obra de Arte do Futuro", redigida pelo musicista Richard Wagner. Buscamos trabalhar as relações que podem ser feitas entre o que é exposto pelo musicista na obra destacada e o irracionalismo, ideologia político-filosófica presente na Alemanha da segunda metade do século XIX.

Palavras-chave: Richard Wagner; irracionalismo; conservadorismo; arte;

ABSTRACT

This article aims to discuss the written production "A Obra de Arte do Futuro", written by musician Richard Wagner. We seek to work on the relationships that can be made between what is exposed by the musician in the highlighted work and irrationalism, a political-philosophical ideology present in Germany in the second half of the 19th century.

Keywords: Richard Wagner; irrationalism; conservatism; art;

As problemáticas de Richard Wagner são conhecidas tanto pelos estudiosos da música quanto por aqueles que estudam as especificidades político-filosóficas do século XIX germânico: antijudaísmo religioso²; conservadorismo e a ação passiva do povo em seu processo “revolucionário”³. Entendemos que para adentrar, mesmo que seja minimamente na investigação desta personagem complexa, é imprescindível o contato com o irracionalismo, sendo-o produto de um germanismo reacionário nascente a partir da “traição burguesa” exposta por Lukács⁴. O irracionalismo torna-se ferramenta ideológica da burguesia reacionária – ferramenta cristalizada no Romantismo Alemão tanto no âmbito político como artístico, após a derrota da revolução de 1848⁵. Ou seja, um discurso que é carregado do interesse de classe, carregado de motivos essencialmente econômicos presentes em uma burguesia que, quando abalada financeiramente, busca a

¹ Historiador pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Pesquisa apresentada com Trabalho de Conclusão de Curso História (TCC) | 23 a 27. Nov. 2020, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Rago Filho. E-mail: rafael.bronharon@hotmail.com

² Presente em seu polêmico trabalho *Judaísmo na música*.

³ Expostas em suas produções *A obra de arte do futuro* e *A Arte e a Revolução*.

⁴ LUKÁCS, Georg. *A Destruição da Razão*. – São Paulo: Instituto Lukács, 2020, p.53.

⁵ Idem, p.55.

salvação em discursos intencionalmente irracionais e conservadores para que consiga manter-se sob o domínio das classes baixas expropriadas⁶.

Esta ideologia trabalha substancialmente com discursos que destacam: o desprezo do entendimento e da razão, desvalorizando-a enquanto glorifica a intuição; a teoria aristocrática do conhecimento; a repulsa do progresso social e a mitomania, opondo-se ao entendimento ontológico da realidade social. A reação irracional burguesa teria como base ideológica os fundamentos presentes na visão filosófica sobre a “intuição” em Schelling, onde se destaca “A dialética privada de seu valor positivo; a intuição como veículo da verdadeira compreensão e a verdade acessível somente a uma elite”⁷. Via de regra, a intuição é exaltada pela concretização da “ação pela ação” — pela imanência do exercício do poder — pondo como sem sentido a teorização e o entendimento racional das coisas⁸. Sendo que, para que seja possível sustentar este todo ideal e essencialmente irracional, é necessária uma “liga” que concretize este discurso no campo prático: o nacionalismo. Temos aqui a cereja do bolo. Os padrões comportamentais da aristocracia alemã — de comportamento e sentimento — sofrem um processo de aburguesamento, convertendo-se em elementos do caráter nacional alemão⁹. Ponto que se molda na Alemanha ao longo da segunda metade do século XIX, tendo seu ápice durante a Unificação dos anos 1870.

O irracionalismo usa o discurso nacional como veículo para adentrar nas massas, escondendo-se atrás de termos um tanto quanto vagos, como “povo”, “nação”, “nós” e “verdade”. São vagos o suficiente para convencer o povo de sua validação, tendo na prática um duplo significado: a “nossa nação alemã”, “nosso povo”, “verdadeira Alemanha”; pretendem superficialmente alcançar a identificação dos ouvintes, as massas, convencidas de que estão inclusas neste “povo”, nesta “verdadeira nação alemã”. Entretanto, na prática, esta fantasia simbólica se restringe ao próprio *establishment*, à própria elite governante. Estrutura-se, assim, “uma hierarquia estável de dominação e subordinação”¹⁰, na qual, antes de estabelecer-se enquanto nação, firma-se enquanto

⁶ PARENTI, Michael. *Blackshirts and reds: rational fascism and the overthrow of communism*. – San Francisco: CITY LIGHTS BOOKS, 1997, p.11.

⁷ RAGO, “Lukács e a crítica marxista do irracionalismo na via prussiana de objetivação do capital e na fase do imperialismo alemão”, in. *Gyorgy Lukács e a emancipação humana*; organização de Marcos Del Roio. — São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p.120

⁸ MARCUSE, Herbert *Razão e revolução: Hegel e o advento da teoria social*; tradução de Marília Barroso. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p.370.

⁹ ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*; Tradução de Álvaro Cabral. — Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p.67.

¹⁰ Idem, p.73.

classe¹¹. Wagner é um produto deste meio, panorama que pode ser visto pela leitura de suas obras:

(...) a força motriz, a força vital propriamente dita, tal qual ela se afirma nas necessidades vitais, é uma força inconsciente, não-arbitrária; e, precisamente onde ela assim se mostra, no povo, é também a única força verdadeira, decisiva. É por isso que laboram em grande erro os nossos educadores do povo que imaginam que este precisaria de começar por saber o que quer (...) deste erro decorrem todas as miseráveis indecisões, todas as incapacidades, toda a vergonhosa tibieza dos mais recentes movimentos que pelo mundo ocorrem (WAGNER, 2003, p.24).

Completando que:

(...) o povo apenas precisa de negar em facto aquilo que de facto nada é, ou seja, que é não necessário, supérfluo, fútil; para tanto precisa de saber apenas o que não quer, e isso é-lhe ensinado pela não arbitrariedade do seu impulso vital; basta-lhe apenas usar a força da privação que experimenta para fazer daquilo que não quer um não-ser, para aniquilar aquilo que merece ser aniquilado, e assim passará a existir por si aquele algo que se adivinha no futuro (WAGNER, 2003, p.27).

Sua “revolução” artística não trabalha a partir da ação consciente daquilo que chama de “povo”. No momento em que destaca a irrelevância do povo buscar aquilo que realmente deseja na transformação artística, Wagner não é revolucionário. Não existe revolução sem a consciência ativa dos protagonistas do movimento. O que há é uma imposição conservadora, baseada na Grécia Antiga:

Haverá algum fenómeno perante o qual experimentemos de maneira mais humilhante o sentimento da impotência da nossa frívola cultura do que a arte dos helenos? É para ela que olhamos, para a arte dos eleitos da natureza amantíssima, arte dos mais belos homens que essa mão, feliz pelo que gera, nos deu a conhecer, e que, perdurando até aos dias de cinzenta névoa da cultura hodierna, ela põe diante de nós como testemunho indesmentível daquilo que é capaz de dar; é para a magnífica arte grega que olhamos, para no seu íntimo entendimento aprendermos como tem que ser criada a obra de arte do futuro! (...) Revigoremos na arte dos helenos o olhar desse nosso exame e retiremos depois, com ousadia e fé, as conclusões sobre a grande e universal obra de arte do futuro! (WAGNER, 2003, p.40).

A persuasão construída perante o povo em sua *Obra de Arte do Futuro* resgata o passado fantasioso de uma Alemanha heroica: uma forma de persuadir o leitor; invenção que se dá pelo irracionalismo no qual está envolto. O estudo de Wagner deve ser acompanhado de seu germanismo, assim, compreendemos um ponto fundamental deste autor: mais do que nunca, sua arte é política. É necessário problematizá-la a partir da compreensão do irracionalismo político-filosófico, fenómeno que é base para a passagem do “antijudaísmo religioso” para aquilo que se transformaria, a partir da segunda metade do século XIX, em “antisemitismo”.

¹¹ Idem, p.137.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

- ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*; tradução Roberto Raposo. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- LOSURDO, Domenico. *O marxismo ocidental: como nasceu, como morreu, como pode renascer*; tradução por Ana Maria Chiarini e Diego Silveira Coelho. — São Paulo: Boitempo, 2018.
- PARENTI, Michael. *Blackshirts and reds: rational fascism and the overthrow of communism*. – San Francisco: CITY LIGHTS BOOKS, 1997.
- DEL ROIO, Marcos. Et all. *Gyorg Lukács e a emancipação humana*. — São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.
- MARCUSE, Hebert. *Razão e revolução: Hegel e o advento da teoria social*; tradução de Marília Barroso. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*; Tradução de Álvaro Cabral. — Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- LUKÁCS, Georg. *A Destruição da Razão*; tradução de Bernard Herman Hess, Raines Patriota, Ronaldo Vielmi Fortes; Revisão de Ester Vaisman, Ronaldo Vielmi Fortes. — São Paulo: Instituto Lukács, 2020.

Fontes

- WAGNER, Richard. *A obra de arte do futuro*; (1849); Lisboa: Antígona, 200